Jornal da Marcha Mundial das Mulheres

Julho de 2022

POR UM BRASIL POPULAR, FEMINISTA E ANTIRRACISTA! LULA PRESIDENTE!





Luana Tayze

ós, da **Marcha Mundial das Mulheres (MMM),** somos parte de um grande movimento em curso no Brasil para transformar radicalmente o país. Nos somamos a ele com a força da nossa luta coletiva e com indignação perante toda forma de opressão e exploração. Com alegria e determinação, construímos as lutas de todos os dias de forma radical e irreverente!

As eleições de 2022 são decisivas para as mulheres, para as pessoas negras e para a classe trabalhadora no Brasil. Estamos mobilizadas para derrotar nas urnas o neoliberalismo e o autoritarismo que atualmente comandam o Estado brasileiro. Ao mesmo tempo, nos mobilizamos para afirmar como são o país e a sociedade onde queremos viver.

Temos força coletiva para definir um projeto popular para o país. Um projeto que recupere e reconstrua a democracia, que reverta os retrocessos dos últimos anos e que reoriente a economia para a sustentabilidade da vida, colocando o Estado e as políticas públicas a serviço da construção da justiça social.

Nós, da MMM, estamos comprometidas com esse projeto democrático e popular, e o construímos a partir da organização coletiva, da solidariedade e do internacionalismo.

Sabemos que a eleição de Lula é fundamental para o povo brasileiro, mas que ela também será um novo impulso para a integração regional e para a soberania dos povos na América Latina.

Nas ruas, nas redes e nos roçados, enfrentamos Bolsonaro e o bolsonarismo no Brasil. Assim, nos conectamos com as lutas das mulheres que também enfrentam o avanço do neoliberalismo e do conservadorismo em diversas partes do mundo.



TRANSFORMAR O BRASIL COM AS BANDEIRAS E A LUTA DAS MULHERES

ós, mulheres, não aguentamos mais a precarização da vida! Enquanto vendemos o almoço para pagar a janta – não só a nossa, mas também a das crianças e das pessoas mais velhas –, os bancos privados acumulam bilhões e bilhões de reais. Essa lógica do lucro imposta pelo neoliberalismo é incompatível com a vida.

Precisamos de uma economia que coloque a sustentabilidade da vida no centro, a partir de uma agenda que combata a violência, que valorize e reconheça nosso trabalho, que defenda a soberania do país e os nossos bens comuns e promova mecanismos de participação popular.

Jornal A3.indd 1 30/06/2022 16:0-



LUTAMOS POR UMA ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA

ara nós, a economia feminista é uma aposta política para colocar a sustentabilidade da vida no centro da organização da sociedade. Para isso, é fundamental conectar as diversas formas de economia que se contrapõem ao lucro, articulando as práticas da agroecologia e da economia solidária das quais as mulheres são protagonistas.

Queremos que, a partir de 2023, essas alternativas feministas sejam cada vez mais a regra e não a exceção. Que o farol que orienta nossa economia deixe de ser o lucro das grandes empresas e passe a ser as experiências cotidianas de resistência e de criação de alternativas das mulheres.





Arguivo MMN

MULHERES EM LUTA POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA

ueremos um país sem violência! Sem a violência patriarcal contra os corpos, vidas e territórios das mulheres, especialmente das mulheres negras. Sem a violência racista que sufoca, mata e encarcera pessoas negras nas periferias das cidades, e que ameaça, assassina e desaparece com indígenas e lideranças camponesas nas áreas rurais e nas florestas. Sem violência contra lésbicas,

bissexuais, travestis e transexuais que devem ter o direito de expressar livremente suas formas de existência.

Para acabar com a violência, exigimos políticas de igualdade para as mulheres: políticas que sejam antirracistas e estejam integradas ao conjunto das políticas de governo. E reafirmamos nossa luta contra a militarização da vida. A liberação de armas fortaleceu a organização das milícias, o tráfico, os latifundiários e os grileiros, que estão cada vez mais armados, ameaçando e matando quem cruza seus caminhos, seja nas periferias das grandes cidades, seja no campo e em territórios indígenas.

Exigimos o direito de viver uma vida sem violência!

NOSSO TRABALHO SUSTENTA A ECONOMIA

construção da sociedade na qual queremos viver passa necessariamente pela reorganização da reprodução da vida. Nós, mulheres, estamos o tempo todo trabalhando, seja em casa, seja fora dela. Por isso, sabemos que o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo não são separáveis e que a falsa divisão entre eles se sustenta na invisibilização e desvalorização do nosso trabalho.

Os trabalhos doméstico e de cuidado não remunerado e mal remunerado são uma das bases do capitalismo racista e patriarcal. Frente a isso, lutamos pela efetivação de direitos e pela valorização das trabalhadoras domésticas e das cuidadoras.

Os trabalhos que sustentam a vida, especialmente o cuidado, devem ser responsabilidade de toda a sociedade, do Estado, das comunidades e das famílias, e não apenas das mulheres. Exigimos políticas públicas integradas que ampliem a responsabilidade do Estado pelo cuidado e pela reprodução social: políticas de educação, como creches e escolas em tempo integral, centros dia para o cuidado de pessoas idosas, restaurantes populares com alimentos da agricultura familiar e camponesa, redução da jornada de trabalho, entre outras propostas.

AUTONOMIA SOBRE NOSSOS CORPOS E SEXUALIDADES

hipocrisia conservadora continua atacando a vida das mulheres, especialmente das mulheres negras e pobres. Meninas e mulheres sofrem todos os dias os efeitos da clandestinidade do aborto: ficam doentes, morrem ou tem que assumir uma gravidez indesejada. Mesmo nos casos de anencefalia, gravidez decorrente de estupro e com risco de vida para a mãe, nos quais o aborto legal está previsto por lei, esse direito tem sido negado para as mulheres. O aborto não deve ser crime! As mulheres têm autonomia para decidir sobre a maternidade, sobre suas vidas e sexualidades, sem carregar culpas, silêncios e ameaças.

Autonomia também significa conhecimento e controle sobre nossos corpos. A indústria farmacêutica impõe hormônios, antidepressivos e tratamentos e continua nos impondo padrões – de corpos, cabelos, modos de ser e tom de voz –, tudo agora revestido de "empoderamento". Nós seguimos em marcha contra tudo que nos oprime, reprime e deprime!

\bigoplus

CONTRA O PODER CORPORATIVO, POR SOBERANIA POPULAR



Luiza Castro/Sul 21

POR SOBERANIA ALIMENTAR, EM DEFESA DA NATUREZA

A reforma agrária e a agroecologia são estratégias para a soberania alimentar, que é o direito dos povos e dos países decidirem o que e como produzir para atender as necessidades de toda a população.

Hoje, 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil e a maioria desse contingente são famílias chefiadas por mulheres negras. A fome é resultado do desmonte das políticas sociais e das políticas de apoio à agricultura familiar e camponesa, do avanço do agronegócio sobre os territórios, da perda de renda e da alta do preço dos alimentos.

Exigimos a retomada e a ampliação dos programas de incentivo à agroecologia e à agricultura familiar e camponesa para ter comida boa e sem veneno nas mesas das comunidades e das escolas brasileiras.

Além da liberação em massa dos agrotóxicos, foram marcas do governo Bolsonaro na agenda ambiental o aumento das queimadas e do desmatamento e a escalada da violência em regiões indígenas e quilombolas para garantir os interesses do garimpo, do agronegócio e da mineração. É preciso colocar a vida como prioridade ao invés do lucro e cuidar da natureza reconhecendo os modos de vida dos povos e das comunidades tradicionais.

Reconstruir o país passa por afirmar um projeto ecológico orientado por uma real transformação nos modos de produção e consumo, sem cair nas armadilhas da chamada "economia verde", que finge compensar a destruição causada pelas grandes empresas, enquanto gera mais e mais lucros para os ricos.

POR UMA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA, FEMINISTA E POPULAR

Escutamos cada vez mais empresas e organismos internacionais falarem em transição energética. A ideia de transição energética do mercado é continuar crescendo e consumin-

do muita energia. As questões "**Energia para quê? Energia para quem?**" são fundamentais para uma transição justa.

A política energética no Brasil privilegia as grandes indústrias, enquanto os preços da luz, do gás e dos combustíveis têm impacto direto no aumento do custo de vida. O aumento do preço do gás de cozinha obriga as mulheres mais pobres a encontrarem outras formas de cozinhar, como lenha e até querosene, colocando a saúde em risco.

O mercado vende as energias renováveis, como a energia eólica, como limpas, mas as mulheres denunciam os impactos da expansão de megaprojetos eólicos em seus territórios.

A transição energética não pode se dar às custas da terra, da saúde, da produção de alimentos e da qualidade de vida das comunidades. Lutamos pela democratização da energia, pela descentralização da produção e do controle comunitário e pela redução das distâncias entre a geração e o consumo.

POR SOBERANIA DIGITAL E TECNOLÓGICA E PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

O poder da comunicação não pode estar nas mãos de poucas famílias ricas que atuam para manter seus interesses de classe. Os meios de comunicação de massa legitimam ataques à vida das mulheres e à soberania dos povos e atuam construindo narrativas antipopulares. Por isso, lutamos pela democratização da comunicação e, além disso, afirmamos que os nossos dados não podem servir para o lucro das transnacionais, que impõem suas plataformas digitais na chamada "agricultura 4.0", nos trabalhos urbanos e nas nossas relações cotidianas. Queremos que o acesso à internet seja um direito e que o Estado invista em políticas orientadas para a soberania digital e tecnológica.

POR DIREITOS, CONTRA A PRECARIZAÇÃO E A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA

s políticas de Estado devem fortalecer e ampliar os serviços públicos de qualidade. Para isso, é fundamental revogar o teto de gastos e reverter as tendências de terceirização e fragmentação da política social.

Queremos um conjunto de políticas econômicas e sociais. Um SUS forte para cuidar da nossa saúde; políticas de fomento e acesso à cultura; educação de qualidade em todos os níveis, com ações afirmativas garantidas; assistência social e políticas de geração de emprego e renda, com valorização do salário mínimo.

Queremos emprego com dignidade e direitos, especialmente para as mulheres negras, que hoje ocupam os postos de trabalho mais desvalorizados, instáveis e informais, e são a maioria entre as pessoas desempregadas. Basta de informalidade, flexibilização e precariedade!



Jornal A3.indd 3 30/06/2022 16:0





POR PARTICIPAÇÃO POPULAR E DIVERSA

o governo Bolsonaro, a democracia foi duramente afetada. Os poucos espaços de democracia participativa foram destruídos. Reconstruir o Brasil demanda construir uma democracia que altere as relações desiguais de gênero e raça que estruturam a opressão, mas passa também por retomar espaços e mecanismos de participação e decisão popular, com processos coletivos para recuperação e formulação de políticas públicas.

É preciso dar um basta na criminalização dos movimentos sociais e colocar em prática o oposto: fortalecer a organização coletiva e popular.

Exigimos que o povo tenha direito à participação popular e, com isso, possa decidir so-

bre o orçamento do país. Basta de orçamento secreto nas mãos de parlamentares corruptos, que utilizam dinheiro público para fazer clientelismo, enquanto a população pobre, sobretudo as mulheres, sofre pela falta de políticas que atendam suas necessidades.

Precisamos de uma reforma política e de voto em lista com paridade entre homens e mulheres. Queremos garantir a eleição de mais mulheres, das populações negra e indígena, das pessoas jovens e LGBT. Para construir essa transformação no Brasil, precisamos de um projeto político da classe trabalhadora. Um projeto popular, antirracista, feminista, ecológico e contra a LGBTfobia!

COMITÊS POPULARES NOS TERRITÓRIOS

s possibilidades que temos neste momento de disputar um outro projeto para o Brasil estão vinculadas à força que construímos coletivamente nos movimentos sociais. Esse processo de unidade se ampliou nos últimos anos, principalmente a partir da Campanha Fora Bolsonaro.

É necessário ampliar ainda mais o processo de organização popular, para que a maioria da nossa população se mobilize para garantir as mudanças necessárias para que tenhamos uma vida mais digna para todas as pessoas.

Definimos como estratégia a construção dos Comitês Populares de Luta, organizados pelos movimentos sociais em conjunto, e queremos ampliá-los cada vez mais.

Os Comitês Populares de Luta têm como objetivo discutir estratégias de organização e construir um programa político popular para o país. Os comitês podem se organizar de diferentes formas: a partir dos territórios de moradia da população, pelos locais de trabalho ou até mesmo nas redes sociais.

Precisamos eleger Lula como parte desse amplo processo de mobilização popular! Queremos estar em movimento para definir as eleições e, mais que isso: para seguirmos depois, organizadas e em marcha permanentemente. Assim, estamos e permaneceremos empenhadas na luta para colocar para fora Bolsonaro.

CONSTRUA A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES



Twitter: @marchamulheres

Facebook: marchamundialdasmulheresbrasil

E-mail: marchamulheres@sof.org.br

história nos mostra que nossa força está em nossa organização e luta. A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento feminista, anticapitalista e antirracista organizado em mais de 50 países. Estamos em marcha permanente pela autonomia econômica das mulheres, pela paz e desmilitarização, pelos bens comuns e a natureza, e pelo fim da violência contra as mulheres. Nessa longa luta, renovamos nossos sonhos, construímos nossas propostas por um outro mundo e também fazemos florescer a esperança através da construção de alternativas. No Brasil, estamos presentes em 20 estados, em comitês e núcleos locais. Com a nossa organização nos territórios e a solidariedade, enfrentamos juntas a fome e a precarização da vida durante a pandemia. Agora, com os Comitês Populares de Luta, estamos construindo, junto com diversas outras organizações, as nossas propostas por um novo Brasil. Queremos mudar o mundo e a vida das mulheres em um só movimento!